

RECONSIDERAÇÕES SOBRE O “ANDAR” NA OBSERVAÇÃO E COMPREENSÃO DO ESPAÇO URBANO¹

Michèle Jolé

INTRODUÇÃO

Qual o interesse sobre o “andar” que, em suma, é um ato habitual, comum, anódino? e porque, especialmente, o “andar” na cidade? Números autores já se interessaram sobre essa temática - escritores, antropólogos e sociólogos-, revelando-nos suas múltiplas facetas.² Assim, como notou Marcel Mauss (1997), ou mesmo, antes dele, Honoré de Balzac, o andar tem suas “técnicas corporais”. Esse último autor elaborou uma *Théorie de la démarche* (1990), na tradição das “Fisiologias” desenvolvidas no século XIX, interessando-se pela “fisionomia” do corpo. O andar tem, igualmente, seus modos e seus ritmos, que diferenciam as cidades entre si: “reconhece-se uma cidade pela sua maneira de andar”, escrevia Robert Musil em *L'homme sans qualités* (1982), a propósito de

Viena: tanto os pedestres, como os carros influenciam o “movimento das ruas”.

Como analisaram, em seguida, os etnometodólogos (Lee; Watson, 1992), para circular entre e com os outros, o andar exige, igualmente, certas competências que cada cidadão aprende a desenvolver. Essas competências têm por base a visibilidade mútua dos comportamentos: “A visibilidade está na base da ordem social”.

Isaac Joseph, em *Le passant considérable* (1987), insiste sobre a importância do “olhar” do qual ele destaca a hipertrofia, seguindo a hipótese de Simmel de que “a superfície é o lugar do sentido”. Assim fazendo, ele também se referiu a Virginie Woolf, sempre atenta a essa singularidade: “o passante tem uma percepção elementar de ostra, um olho enorme”, escreveu em *La mort de la phalène* (1982).

A cidade se apresenta à flor da pele, e o andar permite vê-la, compreendê-la. O andar pode tornar-se, assim, para todo cidadão, um ato poético. Os poetas não se enganaram nisso. A cidade tornou-se, como o campo, um lugar de deambulação para quem quer escrever sobre a ci-

¹ Texto original. Uma versão preliminar foi proferida como Conferência da autora, no CRH (UFBA, Bahia), agosto 2003.

² Ver artigo interessante de Thierry Paquot (2004), que reconstrói o caminhar numa perspectiva histórica: “L'art de marcher dans les villes”, *Ésprit*, mars-avril.

dade, senti-la, exaltá-la. Os poetas contemporâneos, como Jacques Reda, Jacques Roubaud, Charles Juliet seguem, à sua maneira, a experiência do “*flâneur*” teorizada por Charles Baudelaire e Walter Benjamin (1989): o *flâneur*, para ele, é a figura parisiense da multidão, das fantasmagorias da modernidade, da mercadoria e das passagens.

Mais tarde, Pierre Sansot, em *La poétique de la ville* (1984), elogiou, por sua vez, o andante e o vagar noturno. Michel de Certeau, em *L'art de faire* (1988), interessou-se pela retórica do andar, ao falar “dos passos perdidos”, que ele opõe ao urbanismo pan-óptico, que observa de cima.

Ademais, há alguns anos, assiste-se a uma renovação dessa preocupação com o andar na cidade, impulsionada geralmente pelas ameaças representadas pelo automóvel, pela urbanização periférica, pelos recuos de segurança e pela fragilização do espaço público – alguns chegando a falar de ameaça de morte do espaço público. Algumas obras e artigos estão publicados sobre essa temática ou sobre o tema da rua (Solnit, 2002; Le Breton, 2000)... Aliás, em urbanismo, numerosas tentativas foram feitas para restituir o lugar ao pedestre, como as famosas ruas de pedestres. Por exemplo, Paris tornou-se um verdadeiro laboratório para repensar o compartilhamento da via pública entre pedestres, ciclistas, *rollers*, bicicletas, patinetes, carros... e diversas políticas foram implantadas: “*Quartiers tranquilles*/ Bairros tranqüilos”, “*Circulations douces*/Circulação leve”³, “*Boulevards civilisés* / Boulevard civilizados”...

O ANDAR COLETIVO “PRODUZIDO”⁴

Nosso propósito, neste artigo, é discutir uma forma particular de andar na cidade, ou seja, o andar coletivo como “atividade produzida”. Efetivamente, já há alguns anos nos preocupamos com

práticas cada vez mais incentivadas, que têm como ponto comum fazer do andar coletivo um instrumento de exploração da cidade para fins cognitivos, reflexivos e de criação. Essa exploração é, ao mesmo tempo, importante e crítica. Ela se constitui um instrumento de reflexão sobre as formas, os usos, a história, os sentidos dos espaços percorridos, situando-se, perfeitamente, nas perspectivas de organização dos espaços repensados, renovados.

Nosso interesse é tanto maior quanto esta abordagem parece compartilhar diferentes recursos das ciências sociais, do urbanismo e da arte contemporânea. Essa convergência, sem dúvida, exprime uma inquietação comum diante das mudanças que afetam as cidades. Essas interrogações, sem dúvida interessantes, permitem, em alguns casos, transgredir fronteiras de mundos geralmente muito fechados. O “andar coletivo” provoca hibridações que merecem ser ressaltadas.

É certo que a preocupação sobre os espaços contemporâneos, compartilhados pelos adeptos do andar coletivo não assumem a mesma forma se consideradas as competências e os pertencimentos mobilizados, as modalidades, os sentidos da própria caminhada e as formas de recuperação. No entanto, desde o início, podemos identificar algumas características comuns, mais ou menos referidas, segundo “as fórmulas”:

- O andar é uma aprendizagem coletiva de um lugar;
- Ele é tanto um deslocamento físico como um deslocamento psíquico e mental para cada um dos participantes;
- A ação de “andar junto” favorece a formação de um coletivo;
- O andar cria uma referência comum, aquela do corpo - nós estivemos aí -, do olhar e ver conjuntamente, com a partilha possível das impressões, emoções, falas.
- Ele dá lugar a uma reconstrução de sentidos do lugar através das imagens, das palavras.
- Em alguns casos, ele pode ser um ato político.

³ N.T. Circulação leve é aqui considerada para uso de pedestre, de bicicletas, patins, etc.

⁴ N.T. Do original: andar coletivo “finalisée”, no sentido de ser organizado segundo objetivos pré-determinados.

SEGUINDO “A DERIVA” DOS SITUACIONISTAS....

A *deriva*, inspirada nos surrealistas e sistematizada pelos situacionistas, permanece a referência para muitos – mesmo que ela seja mais reivindicada, geralmente, pelos artistas que pelos sociólogos ou os urbanistas. Nada de surpreendente sobre esse efeito aglutinador, vez que, de fato, os situacionistas se colocam fora de classificações. Artista, filósofo, sociólogo, geógrafo, urbanista? Antes de tudo, revolucionário, para além das fronteiras institucionais. Nós estamos nos anos 60. Para eles, trata-se de mobilizar os olhares e as sensibilidades críticas sobre as cidades. A *deriva* se quer subversiva e se inscreve num projeto de urbanismo radicalmente novo.

Desde o início, a *deriva*, constitui-se de uma caminhada coletiva, cujo paradoxo é ser, ao mesmo tempo, um método de exploração rigoroso e aleatório, vez que se trata de se deixar levar pela cidade com suas solicitações, seus encontros, suas disposições e os determinismos do lugar. Uma *deriva* se faz a dois ou três, a fim de recortar as impressões para chegar à conclusões objetivas. Trata-se de estabelecer articulações psicogeográficas, as unidades do ambiente: segundo Debord (1974), a *deriva* é “uma passagem rápida sobre ambientes variados”. O resultado final é constituir “extratos de ambientes, de unidades, de atmosfera”, observar os principais eixos de circulação que permitem dar conta da realidade urbana em sua totalidade. A caminhada coletiva, transformando o olhar sobre a cidade, cria meios de transformá-la.

ALGUNS ARTISTAS ANDANTES

Numerosos artistas contemporâneos colocam o deslocamento na cidade no centro de suas obras. O quadro urbano torna-se o lugar e a matéria de sua expressão criadora. Como diz TH Davila (2002), “a travessia física de uma distância especial constitui ou condiciona a configuração de uma obra”. Andar é criar. As peregrinações do artista

fundam as realizações pelo movimento do corpo, dos gestos. O deslocamento tem um valor estético, como pode ter também valor de denúncia dos espaços percorridos. Para inúmeros plásticos e fotógrafos, esse andar deve ser feito ao menos a dois. São inúmeros os exemplos. Ele foi objeto de uma teorização por Burckart e de uma disciplina, *die Kunst des spazierengehens*, “*la promenadologie/ a teoria do passeio*”, ensinada nas escolas de arte.

Citemos o exemplo da dupla, Denis Adams e Laurent Mallone que percorreram, em onze horas e meia, a distância entre *Downtown Manhattan* e o Aeroporto Kennedy, uma caminhada que deu lugar a 486 fotos e a uma publicação, *JFK* (2002). Um outro exemplo, mais representativo de uma caminhada feita com vários participantes, para nós, é a associação *Stalker, laboratoire d'arpenteurs*, composta em parte por arquitetos, que se consideram, aliás, adeptos da “*deriva*” e de sua dimensão coletiva. Trata-se de delimitar o terreno de ação conjunta: os grupos geralmente são muitos, podendo chegar a mais de vinte. A caminhada se faz em três tempos: chegar à área de observação, atravessá-la e perceber seu futuro. Essas travessias são pontuadas de ritos que consagram o vínculo (aos patamares do território, às pausas – um piquenique, por exemplo). A caminhada se faz principalmente em lugares de expectativa, aqueles da periferia, do terreno baldio, onde eles reconhecem certa heterotopia,⁵ por referência a Michel Foucault, e que, por conseqüência, são os escolhidos: a “cidade rejeitada” contra a cidade residencial, normalizada. Nesses espaços, a caminhada é, ao mesmo tempo, uma crítica coletiva em ato presente no urbanismo contemporâneo e uma experimentação de um outro lugar, de um outro olhar. A fotografia, muito importante nesse percurso, pode ser um elemento de reconhecimento. A fala, no entanto, permanece efêmera e informal.

⁵ N.T. Lugares fora da situação de normalidade

OS SOCIÓLOGOS AMBULANTES, UMA APRENDIZAGEM MÚTUA

Para os sociólogos, a palavra, geralmente, está no centro do seu trabalho. *A priori*, o caminhar só aparece aí secundariamente. Acontece que, desde alguns anos e paralelamente às iniciativas de artistas, alguns sociólogos do urbano, na França, instalaram alguns instrumentos de “observação de campo” – expressão técnica clássica, mas interessante – em que a caminhada se torna o meio de enunciação da fala sobre o lugar percorrido e estudado. A clássica entrevista “*en chambre/em casa*” se faz em movimento, caminhando no espaço público. Os teóricos dessa prática de entrevista têm um interesse específico e real pelo espaço em sua forma física, sensível e imaginária. Daí, além de uma abordagem pelo discurso recolhido junto aos cidadãos interessados, eles desenvolvem uma verdadeira etnografia dos lugares, através uma observação direta, em presença repetida. Na sua grande maioria, eles estão ligados às formas de organização do espaço e às preocupações de como fazer, como “*gerir*” os lugares e as suas práticas.

O objetivo inicial desse caminhar a dois, três ou mais, em alguns casos, é produzir conhecimento baseado na partilha dessa experiência e no imaginário dos entrevistados dos lugares estudados. No início, então, a caminhada é feita para renovar a percepção e facilitar a fala. Pode-se construir a hipótese de que ela é, igualmente, o instrumento de produção de um coletivo – como nas situações precedentes – que une a experiência comum de um espaço, na presença mútua de seus corpos em movimento e de seus afetos, os quais são olhados, vistos e rememorados em conjunto. Conseqüentemente, o lugar convencional da autoridade do pesquisador fica obscurecido, e essa confusão de papéis pode provocar uma fala mais justa.

“A walk around the block”, “o itinerário” e o “percurso comentado”

Realmente, essa forma de trabalhar foi iniciada nos anos cinquenta por Kevin Lynch (1959),

urbanista próximo das ciências sociais, em cujas preocupações considera as cidades contemporâneas, suas formas, suas transformações. Ele se interessava, sobretudo, pela forma de percepção que os cidadãos tinham sobre as cidades, sobre a forma como ela os afetava. Para ele, andar com os habitantes era a melhor forma de ativar as percepções que ele buscava recolher da multidão, de suas manifestações visuais, auditivas, olfativas. Andar com eles permitia, ao mesmo tempo, avançar no conhecimento do lugar, ter esse saber em comum e essa sensibilidade às mudanças e, enfim, representar uma força de reação a alguns projetos possíveis.

Efetivamente, encontramos alguns elementos desse instrumento usado em abordagens de sociólogos franceses, como Jean-Yves Petiteau (2000), com o “*itinerário*”, ou Jean-Paul Thibaud (2000), com o “*percurso comentado*”.

O “*itinerário*” se apóia sobre o que o autor chama de “dupla cognitiva”, a exemplo do que foram Sócrates e seu discípulo, e Dom Quixote e Sancho Pança, além de outros. O pensamento se constrói no movimento, e a troca se torna um percurso iniciático. A relação hierárquica inverte-se, e o sociólogo deixa-se surpreender pelo caminho tomado “daquele que o faz andar”. Ele lhe revela seu espaço e, ao fazer isso, eles se recriam conjuntamente, advindo dessa troca algo passível de ser objetivado.

O “*percurso comentado*” se baseia sobre o mesmo princípio da caminhada comentada. Sua ambição é qualificar os ambientes de um lugar a partir das percepções que os usuários têm dele e de suas práticas. As caminhadas sobre um mesmo espaço são multiplicadas; o “percurso poliglota”, que resulta desses múltiplos pontos de vista, é confrontado com a observação etnográfica dos comportamentos e interações, nesses espaços. O objetivo é reunir, conjuntamente, a organização material, os fenômenos perceptíveis e as formas de agir e de interagir.

É preciso notar que, nessas abordagens sociológicas, a fotografia ocupa um lugar. Ela não tem um fim em si mesma. Acompanha a caminhada, a compreensão progressiva dos lugares, e é um ele-

mento de apoio à recomposição. Ela trabalha mais a ilustração que o elemento analítico. Parece que ela não foi pensada como tal. A exceção pode ser o *itinerário*, em que Jean-Yves Petiteau previu, no instrumento da caminhada, ao lado da “dupla cognitiva”, um terceiro participante que registra o percurso com fotografias, segundo as emoções percebidas pelo entrevistado-guia.

OS URBANISTAS “QUE ANDAM COM OS HABITANTES”

O urbanismo também é apreendido pela caminhada coletiva, na elaboração do que se costuma chamar de “diagnósticos urbanos” - o que não exclui outras técnicas e maneiras de fazê-los. Nas diferentes experiências realizadas, trata-se, de fato, de associar as populações, os usuários, os habitantes – os termos mudam segundo os donos das obras e os lugares a reorganizar – do projeto à sua concepção. A caminhada torna-se um momento de troca, de mobilização coletiva, para se descrever, ao mesmo tempo, o espaço referido, fazer proposições ou ao menos reagir às proposições em curso. Considera-se que a presença no lugar estimula a fala e, sobretudo, permite uma sensibilização das pessoas interessadas para uma nova forma de conduzir os projetos: permite-lhes descobrir e valorizar sua competência como habitante, e, mesmo, seu poder. A caminhada também pode ser uma forma de aprendizado do urbanismo, em alguns casos.

Essa caminhada coletiva assume diferentes designações: alguns a tratam como “diagnóstico caminhando”, outros “passeio coletivo”, ou “método de cultura viva” (Arlindo Stefani 1997); outros, ainda, “percurso comentado”, retomando o método de Jean-Paul Thibaud. Essas experiências que, em alguns casos, chegam até a programação, estão inscritas nas novas obrigações de toda coletividade pública que lança um projeto de “concertação com a população”. Entendem-se as novas expressões de “diagnóstico compartilhado”, de “co-produção de organização do espaço” em refe-

rência a um movimento mais geral, que diz respeito à democracia direta.

A caminhada coletiva, para seus iniciadores - urbanistas, sociólogos-práticos e arquitetos-, exprime essa exigência de tornar-se um objetivo ético e mesmo político. As ciências sociais, assim solicitadas em suas buscas metodológicas e cognitivas, podem encontrar nela novas legitimidades de ação, num pragmatismo bem pensado.

Esse espaço intermediário ou híbrido – segundo a interpretação que se faça dos encontros interdisciplinares – é cada vez mais apreendido por novos profissionais de organização do espaço, que aliam competências de pesquisadores e de práticos. Para eles, toda situação de análise, de diagnóstico urbano, deveria permitir engrenar projetos para todos os atores, tanto da população em geral, mas também dos eleitos e dos técnicos. Tem-se, assim, um exemplo de diagnóstico, de análise de um espaço público de uma pequena cidade (Tixier, 2003), em que “o percurso comentado” teve esses objetivos, misturando, na caminhada e na confrontação do trabalho de campo, os diferentes protagonistas - eleitos, urbanistas e habitantes, que dificilmente se encontravam. A experiência da presença coletiva sobre o campo de ação tinha por objetivo reunir os conhecimentos e as experiências de uns e outros, de forma a fazer um verdadeiro diagnóstico, mas, igualmente, construir uma referência comum que poderia facilitar a conduta do projeto e as negociações entre atores.

Aí, também, as imagens servem de ponto de observação, de memória.

UMA CAMINHADA HÍBRIDA EM TORNO DA FOTOGRAFIA

Gostaria de concluir este apanhado da questão relatando uma experiência singular e pessoal, de um atelier de fotografia em e sobre Marseille, que se intitulou “Caminhando, olhando” (Jolé, 2003). Ele interessa ao nosso propósito, porque reuniu diversos tipos de protagonistas ao longo dessa exposição – artistas, sociólogos, urbanista –

que se reuniram a partir das mesmas preocupações: compreender a cidade caminhando e, por que não, imaginar outras respostas para a reorganização do espaço, através dos olhares múltiplos, exacerbados pela tomada repetida e coletiva das imagens. Essa experiência permite, igualmente, colocar melhor a questão do lugar da fotografia.

Esse atelier nasceu de um encontro entre uma historiadora – que se ocupa da conservação de patrimônio nos bairros populares de Marseille – e um fotógrafo documentarista, apaixonado por arquitetura e pelas formas urbanas. Suas respectivas proximidades com o mundo da arte facilitaram, sem dúvida, esse encontro. A esse núcleo se inseriram especialistas das ciências sociais, interessados por urbanismo e por imagem.

Nessa configuração, a caminhada coletiva, estranhamente, parecia “uma visita guiada”: efetivamente o grupo foi guiado pela historiadora, para quem a caminhada coletiva era um modo privilegiado de recuperação dos conhecimentos acumulados sobre os bairros em observação. De fato, cada uma das caminhadas era tematizada e objeto de um trabalho prévio conduzido pela historiadora, através dos arquivos, da história oral, da história da vida dos habitantes, com o objetivo de compreender melhor as forças geralmente destrutivas que atuavam nesses lugares.

Essas caminhadas são ocasiões de reencontros com testemunhos da vida e da história desses bairros, portos, *cités*, usinas, em busca de traços de uma história visível e da tomada de imagens (fotos ou vídeos).

A seleção das imagens pelo conjunto dos participantes permite construir um ponto de vista coletivo em torno da “história no presente” dos espaços percorridos. As caminhadas, as imagens e sua interpretação coletiva permitem transmitir os conhecimentos e as experiências de outra forma e, a partir disso, reencontrar um sentido “político”.

A experiência de fazer a fotografia andando pode avançar a compreensão do próprio ato de andar, e de andar juntos. Andar é estar ali, disponível, é engajar seu corpo, sua visibilidade. Andar

é olhar num movimento contínuo, de desdobramentos sucessivos, que pode ser interrompido, quando se quer, para olhar melhor, verificar, buscar o detalhe, apreender o sentido, buscar a foto. Todo etnógrafo realiza essa experiência. A “caminhada coletiva” torna a tarefa mais complexa, mas não perde, no entanto, o seu valor heurístico. Olhar, andando junto, como descreve o fotógrafo do atelier, é ver também o outro observando, deixando-se intrigar e estimular pelo olhar do outro: o que é que ele observa? A mesma coisa que eu? Existe, sem dúvida, uma decalagem. O olhar do outro é um bom meio de avaliar a singularidade do seu próprio ponto de vista. É preciso encontrá-lo, para indagar-se sobre o que ele examina, precisamente, o que supõe um processo de troca de forma mais precisa, para além de um diálogo de surdos, inevitável e feliz...

A fotografia atesta as “descobertas”, os pontos de vista da caminhada e de suas pausas. O aprendizado da boa distância, do bom ângulo, do “bom objetivo” também se faz pelo trabalho coletivo de enquadramento, de análise. A tomada da foto, para além da produção da imagem, agudiza o olhar etnográfico sobre o espaço e, de volta, serve à descrição dos lugares explorados.

PARA SEGUIR NOS ENCAMINHAMENTOS

As questões relativas aos pressupostos de todas essas experiências, algumas verdadeiras aventuras, ainda permanecem abertas, quer sejam realizadas para fins de conhecimento, de projeto urbanístico ou de criação artística. Todas são apreendidas, às vezes, com inquietude, porque resultam daquilo que, na nostalgia, ainda se chama cidade, exatamente para descobrir nela os sinais, lugares que dela ainda se reaproximariam.

Essas abordagens se apóiam sobre bases que mereceriam ser mais exploradas:

- O andar funda o olhar. Segundo James J. Gibson (1986): “é no movimento que nossa percepção do espaço se organiza e que o fosso entre sujeito e objeto é em parte esquecido...”

- O andar favorece o coletivo. Meio ou fim, a caminhada coletiva “cria laços”, expressão muito usada nos discursos midiáticos, políticos, e mesmo sociológicos. Margaret Gilbert, filósofa que trabalha sobre o coletivo, toma como paradigma o fato de andar junto!
- A caminhada coletiva, em todas as experiências, evidentemente, se quer mais ou menos um ato político: andar com muitos significa se colocar em ação, conjuntamente.
- A imagem é sistematicamente requerida.
- Seu lugar ainda está para ser clareado.
O caminho está aberto.

Tradução: Anete Ivo. Socióloga, Professora e pesquisadora da Universidade Federal da Bahia, Editora do *Caderno CRH*.

REFERÊNCIAS

- ADAMS, D.; MALONE, L. *JFK*. Marseille: Éd.LMX, 2002.
- BALZAC, H. de. *Théories de la démarche et autres textes*. Paris: Éd.Albin Michel, 1990.
- BENJAMIN, W. *Paris, capitale du 19^{me} siècle*. Traduzido. Paris: Éd.Cerf, 1989.
- DE CERTEAU, M. Marcher dans la ville. In: L'INVENTION du quotidien. L'art de faire. Paris: Éd. Poche, Gallimard, 1988. Tomo 1.
- DEBORD, G. Théorie de la dérive. In: INTERNATIONALE situationniste 1958-69. Montréal: Éd. Champ Libre, 1975.
- GIBSON, J.J. *The ecological approach to visual perception*. N.J: Ed. Lawrence Erlbaum Associates, 1986.
- GILBERT, M. *Marcher ensemble. Essais sur les fondements des phénomènes collectifs*. Traduzido. Paris: PUF, 2003.
- JOLÉ, M. En marchant, en regardant. *Urbanisme*, [S.l.], n.333, 2003.
- JOSEPH I. *Le passant considérable*. Paris: Éd. Librairie des Méridiens Klincksieck, 1987.
- LE BRETON, D. *Eloge de la marche*. Paris: Éd. Métailé, 2000.
- LEE, J.; WATSON, R.O. Regards et habitudes des passants, les arrangements de visibilité de la locomotion. *Les Annales de la Recherche Urbaine*. [S.l.], n.57/58, 1992.
- LYNCH, K. A walk around the block. *Landscape*, [S.l.], v.8, n.3, Spring, 1959.
- MAUSS, M. Les techniques du corps. In: SOCIOLOGIE et anthropologie. Paris: PUF, 1997.
- MUSIL, R. *L'homme sans qualités*. Traduzido. Paris: Seuil, 1982, Tomo 1.
- PETITEAU, J.Y. La méthode des itinéraires, récits et parcours. In: GROSJEAN, M.; THIBAUD, J.P. *L'espace urbain en méthodes*. Marseille: Parenthèses, 2000.
- REDA, J. O. *Le sens de la marche*. Paris: Gallimard, 1990.
- ROUBAUD, J. O. *La forme d'une ville change plus vite, hélas, que le cœur des humains*. Paris: Gallimard, 1999.
- SANSOT, P. *Poétique de la ville*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1984.
- SCHELLE, K. G. *L'art de se promener*. Traduzido. Paris: Éd. Payot-Rivages, 1996.
- SOLNIT, R. *L'art de marcher*. Traduzido. Le Méjan-Fr: Éd. Actes Sud, 2002.
- STEFANI, A. L'espace sensible et l'espace du paysage. *Revue Paysage et Aménagement*, [S.l.], n.34, Hiver, 1996/1997.
- THIBAUD, J.P. La méthode des parcours commentés. In: GROSJEAN, M.; THIBAUD, J.P. *L'espace urbain en méthodes*. Marseille: Parenthèses, 2000.
- TIXIER, N. Parcourir pour projeter. A l'entour du cimetière, à Saint-Etienne. In: JOLÉ, M. *Espaces publics et cultures urbaines*. Lyon-France: Éd. Certu, 2003.
- WOOLF, V. Au hasard des rues. Une aventure londonienne. In: LA MORT de la phalène. Traduzido. Paris: Seuil, 1982.

(Recebido para publicação em dezembro de 2005)
(Aceito em dezembro de 2005)